

DAS PAIXÕES À LOUCURA, O PERCURSO TRÁGICO DE LADISLAU CARDOSO NO ROMANCE *A SANTA DO CABARÉ* DE MOACIR JAPIASSU

Sidinei Eduardo Batista¹

Cláudio Marcos Veloso Júnior²

Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello³

Resumo: O estudo das paixões tornou-se, nas últimas décadas, ponto destacado nos estudos da Semiótica. Nesse sentido, este estudo passou a interessar-se pelo que ele define como *estados de alma do sujeito*; portanto pelo estudo das emoções humana. Contudo, definiu-se, em Semiótica, a paixão como um arranjo de elementos linguísticos, vez que essa paixão é vista como uma construção textual, ou uma paixão representada. Com essa proposta, a Semiótica, tornou-se um método analítico dos mais eficazes para a abordagem do texto literário, e para os Estudos Literários. Partindo dos pressupostos da Semiótica das Paixões, o objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura para o romance de Moacir Japiassu, *A Santa do Cabaré, cordel Pós-moderno de Amor e Morte*. Pretendemos, assim, observar como é construído o percurso trágico da personagem Ladislau Cardoso na obra. Para tanto, focaremos no embate entre Cidadão X Estado, portanto nas relações de poder, que ocorre entre Ladislau e o “povo” da Cidade de Belo Jardim. De modo objetivo, pretendemos apontar algumas das paixões que alteram a psique da personagem, levando-o a uma nova condição social e identitária. A partir disso, acreditamos ser possível refletir sobre as formas de representações do poder na Literatura brasileira. Ao transcorrer esse caminho, pretendemos fazer alguns apontamentos a respeito do modo como o enunciador cria elementos que tornam o sanguinário cangaceiro Ladislau Cardoso em figura simpática ao enunciatário.

Palavras-chave: Semiótica das Paixões; Enunciador e Discurso; Romance Pós-moderno.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. Pesquisador do projeto Representações do Poder na Literatura Brasileira: das vozes referidas às representadas, liderado pelo Professor Luiz Carlos Migliozi F. de Mello. E-mail: sidineieduardobatista@gmail.com.

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: claudio-veloso@uol.com.br.

³ Doutor em Semiótica e Linguística Geral. Professor efetivo da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lcmigliozi@gmail.com.

PASSIONS OF THE MADNESS, THE COURSE OF TRAGIC LADISLAU CARDOSO IN NOVEL A SANTA DO CABARÉ OF MOACIR JAPIASSU

Abstract: The study of the passions has become, in recent decades, point highlighted in the Semiotics studies. In this sense, this study became interested by what he defines as the subject moods; therefore the study of human emotions. However, set up in Semiotics, passion as an arrangement of linguistic elements, as this passion is seen as a textual construction, or represented passion. With this proposal, Semiotics, has become one of the most effective analytical method for the literary texts, and the Literary Studies. Based on the assumptions of semiotics of passions, the aim of this paper is to present a reading for the romance of Moacir Japiassu, Santa cabaret, twine Postmodern Love and Death. We intend, therefore, to observe how the tragic path of Ladislau Cardoso character in the work is built. To this end, we will focus on the clash between State Citizen X therefore in power relations, which occurs between Ladislau and the "people" of the city of Belo Jardim. Objectively, we intend to point out some of the passions that alter the psyche of the character, taking it to a new social identity and condition. From this, we believe we can reflect on ways to power of representations in Brazilian Literature. To spend this way, we intend to make some notes about how the enunciator creates elements that make the bloodthirsty bandit Ladislau Cardoso in sympathetic figure to enunciatee.

Keywords: Semiotics of Passions; Enunciator and discourse; Postmodern novel.

1. Introdução

(Algumas justificativas, pressupostos teóricos e o romance)

Este artigo pretende ser o primeiro de uma série sobre a Semiótica e sua relação com os Estudos Literários. Isso decorre do nosso projeto de doutorado, que se inicia, e tem como um de seus objetivos discutir a literatura pós-moderna brasileira e a formação do Cânone Literário Ocidental. Não menos importante, nesse intento, é observar como se dão as relações de poder e a constituição da identidade do sujeito pós-moderno. Para este artigo, especificamente, entretanto, nos ateremos somente ao modo como o enunciador é responsável pela constituição das personagens, e de como ele é capaz de tornar-se advogado ou inquisidor, dentro de uma determinada história. Neste trabalho nos deteremos no modo como o

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

enunciador trabalha a personagem Ladislau Cardoso, tornando-o uma vítima das desgraças sociais.

O mecanismo, utilizado para a criação dos efeitos citados, ocorre no leito da enunciação pela utilização da debragem ou da embreagem. Sobre isso, Bertand⁴, afirma que Greimas tomou emprestado de Roman Jakobson o conceito de *shifter*, que se traduz por *embreante*, e designa para o linguista russo, *as unidades gramaticais cuja significação não pode ser definida fora de uma referência à mensagem* e que só podem ser interpretadas em relação à própria enunciação. O *embreante*, segundo Bertrad, pode ser percebido desde as marcas da primeira e segunda pessoa até os sinais indiretos, como grifos no texto, que manifestam a presença do sujeito da fala.

Debragem para a Semiótica é um conceito que se divide em duas partes complementares: a *debragem* e *embreagem*. Desse modo, segundo Bertrans⁵, *podemos assim representar o fenômeno enunciativo, considerando, de início, o espaço antepredicativo onde o discurso se forma*. Continua Bertrans⁶:

O enunciador, no acontecimento da linguagem, projeta para fora de si categorias semânticas que vão instalar o universo do sentido. Essa operação consiste em uma separação, uma cisão, uma pequena “esquiza” ao mesmo tempo criadora, por um lado, das representações actanciais, espaciais e temporais do enunciado e, por outro, do sujeito, do lugar e do tempo da enunciação. Tudo começa, assim, com a ejeção das categorias básicas que servem de suporte para o enunciado: é o mecanismo da debragem.

Portanto, podemos afirmar que, por meio da debragem, o enunciante cria elementos com sentidos diferentes do que ele é fora da linguagem. Ou seja, como afirma Bertans⁷, (*idem*) *esse enunciante projeta no enunciado um não-eu (debragem actancial), um não-lugar (debragem espacial) e um não-*

⁴ BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: Edusc, 2003.

⁵ *Ibid.*, p. 90.

⁶ *Ibid.*, p. 90.

⁷ *Ibid.*, p. 90.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

agora (debragem temporal), separados do eu-aqui-agora. Essa constituição fundamenta a sua inerência de si mesmo. Seria desse modo, portanto, nas palavras do teórico, a debreagem a *condição primeira para que se manifeste o discurso sensato e partilhável.* Pois, a partir da debreagem, há a possibilidade de estabelecer e objetivar o universo do “ele” (quando se refere à pessoa) e do “lá” (quando se refere a lugar).

Por sua vez, a embreagem surge do espectro da debreagem. Esta é constituída pelo sujeito enunciador que retoma a enunciação e a realiza. Esse mecanismo é a responsável por instalar a primeira pessoa no discurso. Ela se constitui, desse modo, para que o sujeito da fala enuncie as categorias dêiticas que designam o “eu”, o “aqui” e o “agora”. De acordo com Bertrans⁸ *sua função é manifestar e recobrir o lugar imaginário da enunciação por meio dos simulacros de presença, que são eu, aqui e agora.* Assim, percebemos que essas categorias se estabelecem por sua oposição às categorias debreadas. *“Eu” só pode ser compreendido pelo universo do “ele”.* (idem)

Pela explicação dos mecanismos de debreagem e embreagem, justificamos o nosso interesse pela Semiótica com o intuito de analisar o texto literário, sobretudo pela obra romanesca do escritor paraibano Moacir Japiassu. Isso porque, ao constituirmos os romances de Japiassu, podemos discutir as postulações que inscrevem o sujeito pós-moderno como resultante da condição do indivíduo que é formado cada vez mais a partir da interação social e não de uma essência que permanece. A identidade se transforma historicamente, ela está mais ligada ao social do que ao natural. Na verdade, a identidade não é mais um preenchimento entre o público e o pessoal, mas passou a ser formada cada vez mais fluidamente dependendo de como o sujeito é confrontado no mundo social pelas condições socioculturais.

A questão da crise de identidade do mundo pós-moderno está ligada ao processo de modificação da compreensão do sujeito na modernidade,

⁸ Ibid., p. 90.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

pois é justamente nesse contexto de rápidas e de constantes mudanças, características das sociedades modernas, que as identidades se tornam mais diversificadas.

É justamente esse sujeito, nas palavras de Bauman⁹, que não tem mais uma identidade sólida, seja natural ou social, que será objeto de reflexão no contexto da modernidade tardia, pois este, cada vez mais pelo processo de globalização, pode assumir não apenas uma, mas várias identidades ou uma “rede de conexões”, que, muitas vezes, parecem até contraditórias. Se os compromissos, incluindo aqueles em relação a uma identidade particular, são ‘insignificantes’ (...), você tende a trocar uma identidade, escolhida de uma vez para sempre, por uma rede de conexões. Ao tomarmos os elementos do romance *A Santa do Cabaré*, podemos ilustrar o que expusemos nos parágrafos anteriores. Dizemos elementos, pois essa tendência se localiza, também, nas instituições representadas no texto de Japiassu.

Adotar a Semiótica como método analítico para o nosso projeto, nos proporciona à oportunidade de nos debruçar inclusive na figura do escritor Moacir Japiassu. Para a Teoria da Literatura a morte do autor foi decretada há quase um século. Entretanto, por essa perspectiva de trabalho, tomamos o autor como usuário individual da língua, que ao fazê-lo constitui (ou é constituído) um enunciador que se concretiza diante dos leitores (ou o enunciatário). Denis Bertrands¹⁰, ao ler Greimas, afirma ficar impressionado pelo modo como a obra deste se preocupa como a *questão do uso que atravessa de ponta a ponta, desde a Semântica Estrutural*. Sobre esse aspecto da obra de Greimas, Bertrands¹¹ destaca:

O caráter idioletal dos textos individuais não nos permite esquecer o aspecto eminentemente social da comunicação humana”, até a Semiótica das Paixões, onde a experiência

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁰ BERTRAND, Denis. *Caminhos da Semiótica Literária*. Bauru: Edusc, 2003.

¹¹ *Ibid.*, p. 85.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

individual da paixão está relacionada com as “taxionomias passionais” selecionadas pelas culturas depositadas no léxico da língua, estruturadas e valorizadas pelos discursos, especialmente os literários.

2. Semiótica das Paixões (Breve Inventário Epistemológico)

As emoções humanas figuram entre os interesses da filosofia e da ciência desde o amanhecer delas. Entretanto, esse assunto não era visto como algo benéfico. Fiorin¹² afirma que o estudo das paixões *aparece no estudo do páthos do auditório, no segundo livro na Retórica de Aristóteles*

Os antigos viam a paixão (páthos) como uma *morbus animi* e, por conseguinte, como patologia. A paixão opunha-se à lógica: aquela que subsumia a loucura, a morte, a obscuridade, o caos, a desarmonia, enquanto esta abarcava o que era da ordem da razão, da vida, da claridade, dos cosmos, da harmonia.

Ainda de acordo como Fiorin¹³ essa maneira de considerar os estados passionais começa mudar no século XVIII, quando se passa a admitir a paixão como a força motriz que impele o homem à ação e o que o conduz às grandes coisas.

O professor Luiz Carlos Migliozi de Mello¹⁴ ensina que, em seu princípio, entre as décadas de 60 e 70 do século passado, a Semiótica contentava-se com a análise da estrutura da narrativa, a chamada sintaxe da ação. Este período é chamado de Primeira Fase da Semiótica. Na Segunda Fase, a Semiótica passa a trabalhar com os programas narrativos que modalizam o sujeito para a ação; conhecida como sintaxe da ação. Na Terceira Fase, a atenção da Semiótica está voltada para a relação entre sujeito e objeto, neste período a preocupação é centrada sobre a existência modal do ser. A quarta fase caracteriza-se pelo interesse, da Semiótica, nos valores atribuídos pelo sujeito no objeto. A partir disso, é possível

¹² FIORIN, Jose Luiz. *Semiótica das Paixões: o ressentimento*. In: Alfa, São Paulo, n 51 v1, p. 9-22, 2007.

¹³ Ibid., p. 14.

¹⁴ MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. *Da Semiótica da ação à Semiótica das Paixões*. In: Revista Moara n. 22. Belém. P. 123-142, 2004.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

determinar *certos estados de alma: é quando nascem os estudos sobre as paixões.*

Fiorin garante que a Semiótica ao reconhecer que há um componente passional que perpassa todas as relações e atividades humanas, *que ele é o que move a ação humana e que a enunciação discursiviza a subjetividade*, Fiorin¹⁵ afirma, então, que a Semiótica *mostra que as paixões estão sempre presentes nos textos mas não faz um estudo dos caracteres e dos temperamentos.* Antes disso, considera que os efeitos afetivos do discurso resultam da modalização do sujeito de estado.

Definiu-se, em Semiótica, a paixão como um arranjo de elementos linguísticos, vez que essa paixão é vista como uma construção textual, ou uma paixão representada. Desse modo, como gosta de dizer Fiorin, é uma paixão de papel. Assim sendo, a Semiótica debruça-se sobre a história modal do sujeito de estado. Nessa perspectiva, *podemos estudar textos narrativos calcados sobre um processo de construção e transformação do ser do sujeito e não apenas do seu fazer.* Fiorin afirma que são quatro as modalidades básicas de modalização: *querer, dever, saber e poder.* Acrescenta-se a elas as modalidades veredictórias que resultariam de um jogo entre o ser e o parecer. Assim sendo, *as paixões são efeitos de sentido das compatibilidades e incompatibilidades modais que modificam o sujeito de estado.*¹⁶

Fiorin¹⁷ cita Greimas que, ao terminar seu texto sobre a análise das paixões, diz que há uma diferença entre discurso apaixonado e discurso da paixão. Fiorin conclui que: *Pode-se tomar essa distinção para dizer que a Semiótica estuda as paixões manifestadas na enunciação e enunciado.* Na enunciação, o discurso apaixonado se configura quando os elementos linguísticos emanam de um tom passional inerente no apropriado ato de tecer

¹⁵ FIORIN, Jose Luiz. *Semiótica das Paixões: o ressentimento.* In: Alfa, São Paulo, n 51 v1, 2007, p. 10.

¹⁶ Ibid., p. 10

¹⁷ Ibid., p. 10

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

o texto. No enunciado, a paixão configura-se pela sua menção ou representação. Na primeira situação, a paixão é abordada a partir da definição do lexema. *A paixão representada é aquela figurativizada pelas ações dos seres humanos nos discursos que simulam o mundo ou pelos atos individuais numa situação tomada sub specie, ou seja, como texto*¹⁸. Essas paixões podem ser simples ou complexas. As primeiras seriam efeito de sentido de uma única relação modal do sujeito com o objeto. Por sua vez, as complexas são resultantes do enlace de vários percursos passionais. Essa definição é descrita por Fiorin¹⁹ em menção a Greimas.

Ao falar sobre os estados de alma de sujeito, e ao relembrar o objetivo deste artigo, mencionamos mais uma vez Mello²⁰ que descreve as paixões como sendo consequências da busca dos sujeitos em torno de um objeto-valor.

Paixões são “estados de alma”, e a literatura sobre o assunto mostra que um “estado das coisas” leva a um “estado de alma”. Assim, se a Semiótica estuda a busca do sujeito por “objetos-valores”, pode-se dizer que os “estados de alma” aparecem, porque esses sujeitos, tentando entrar em conjunção com seus “objetos-valores”, criam conflitos, polêmicas entre si ou, então estabelecem entre si “situações de cumplicidade”, “de benevolência”.²¹

Poderíamos, a partir de então, citar Ladislau Cardoso, personagem do romance que tomamos por objeto, e afirmar que ele é um sujeito obstinado. *O obstinado defini-se como um querer e um não poder ser. O obstinado é aquele que quer, apesar da impossibilidade evidente, enquanto o dócil limita-se a desejar o que é possível*²². Nesse ponto, acreditamos ser interessante passar a leitura *d’A Santa do Cabaré* e observar em que nível se concretizam os aspectos citados nesse tópico do trabalho.

¹⁸ Ibid., p. 12

¹⁹ Ibid., p. 12

²⁰ MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de *Reflexões sobre o medo: um olhar semiótico*. ABES, Belém, 2007.

²¹ MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de *Reflexões sobre o medo: um olhar semiótico*. ABES, Belém, 2007.

²² FIORIN, Jose Luiz. *Semiótica das Paixões: o ressentimento*. In: Alfa, São Paulo, n 51 v1, p. 9-22, 2007.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

3. Nas tramas do enredo: A Santa do Japiassu

A *Santa do Cabaré*, de Moacir Japiassu, narra a saga ocorrida na cidade de Belo Jardim, no interior do Pernambuco; onde Ladislau Cardoso depois de tentar muitos meios de ganhar a vida, e frustrado pelos sonhos não realizados, entra em choque com a sociedade. Foge das amarras sociais e embrenha-se pela caatinga, assumindo a identidade de cangaceiro, espalhando terror e morte por seu caminho. As autoridades de Belo Jardim, em busca de solucionar os problemas causados pelo criminoso, arquitetam o plano de enviar Vanda, uma jovem prostituta que atende no Cabaré de Sinhá Odete, para servir de isca e favorecer a eliminação do problema que se tornara o ex-protégido do prefeito Sizenando Coelho.

Nesse enredo, as atitudes subversivas de Ladislau provocam as reações da sociedade, de modo que se estabelece a tensão entre o indivíduo e a sociedade, o que marcará o romance também na constituição de outros elementos. O espaço discursivo no qual é circunscrito o enredo, aqui estudado, é o espaço urbano entalhado no sertão nordestino.

Na história narrada, temos personagens que assumem mais de uma identidade, e pode ser que essas identidades se coloquem em choque em determinadas passagens. No caso da personagem Vanda/Isaura, esse desarranjo a conduz ao suicídio. Contudo, no romance, personagem alguma pode ser classificada como um *sujeito cartesiano*. Os espaços/instituições não são representados como portadores de uma única identidade: *pensão-cabará, padaria-confeitaria-bar* etc.

As personagens do romance, ou pelo menos algumas delas, são exemplos claros de como a esperança ou a culpa as movem para seus fins trágicos, por assim dizer. Ladislau Cardoso, por exemplo, no momento em que perde as esperanças nas promessas da sociedade, as quais são feitas por intermédio do prefeito-médico-advogado Sizenando Coelho, atinge as raias da loucura, o que o move às ações revoltosas que o conduzem ao fim

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

trágico. O próprio Sizenando Coelho esperava ser nomeado por Getúlio Vargas para um cargo que o levasse a um *status* político de maior prestígio.

O romance é composto por sessenta e quatro capítulos curtos, independentes uns dos outros e divididos em quatro partes. Trata-se de uma característica que torna a leitura mais dinâmica, aproximando-se muito dos folhetins românticos do início do século XIX.

Nesses capítulos, temos uma infinidade de personagens/personalidades que se confrontam, em determinados momentos, sem saber o que os move. Conspiração política, religiosa, vaidade, amor e morte, como sugerem o subtítulo da obra, são temas que se desenrolam em uma cronologia que varia de acordo com a memória da personagem que está sendo revelada, no momento, pelo narrador que se mostra em terceira pessoa, mas não se priva de sua singularidade (ENUNCIADOR), visto que conta os fatos de modo grave, dramático, mas hilário na maior parte do tempo. Esse tempo corre pelos espaços na narrativa, concretizados pelo sertão pernambucano, ambientados pela caatinga que faz parte da identidade das personagens, esses espaços que saem de Belo Jardim, cidade interiorana/sertaneja, e viajam pelo desejo de migrar para o Sul do país, no Rio de Janeiro, que se mostra o lugar a ser atingido. O espaço é rompido pela admiração do brasileiro que se encanta com o europeu e o traça como modelo na literatura. Nesse enlace entre as personalidades que se tornam personagens, temos, por exemplo, o escritor Saint-Exupéry, que é tomado por um aviador corajoso, modelo de vida para Lenildo Tabosa, que depois se decepciona com o francês que se esquiva de lutar na guerra que assola a Europa.

A gama variada de personagens/personalidades constitui a trama que vai do mais puro realismo, que descreve a dureza do homem sertanejo ao delírio, que se materializa na história de uma prostituta que, por força da ocasião, é elevada ao patamar de santa. Essas personagens/personalidades entram em situações conflituosas entre si e no próprio espaço e tempo nos quais estão incrustadas. Desses conflitos, um sujeito que levava uma vida

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

normal torna-se um assassino cruel que sai, ao seu modo, questionando e atacando a estrutura social do estado brasileiro, que se encontrava em pleno exercício da ditadura Vargas.

O espaço/ambiente se caracteriza como a aridez e a solidão, que é contida na multidão que segue, sem se dar conta de seu destino, como massa de manobra. *A Santa do Cabaré* apresenta um universo de personagens que chega à casa dos 60 (sessenta), cada qual desempenhando alguma atividade, mesmo que seja a mais banal, o que serve para alicerçar a verossimilhança da saga de Ladislau versus o povo de Belo Jardim.

O que nos impressiona é a falta de esperança e a frustração que assolam as personagens, fato que as conduz, a passos galopantes, à perda da razão. Esse, aliás, é um fenômeno que tem assombrado os indivíduos desde a constatação da falência das promessas do Iluminismo. Com efeito, a modernidade, segundo Bauman²³, trata de padrões como esperança e culpa, *Sempre prometendo que o dia seguinte será melhor que o momento atual*. De certa maneira, não é um absurdo o leitor tomar essa premissa como o 'embrião' para as desventuras dos heróis *japiassunianos*.

É possível classificar Ladislau e Vanda como as personagens centrais da história, pois, em torno de ambos, movimentam-se as personagens secundárias, em torno das quais circulam personagens de outros níveis, que, em suas atividades, interferem nas ações das personagens principais ou justificam as ações delas. Apesar dessa representação das personagens (*personas*) em conflito com outras personagens não nos parece impossível, em outra perspectiva, traçar o próprio espaço/ambiente, que se constitui pela população de Belo Jardim, como a personagem central do enredo.

²³ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997. Cap. XIII, p. 205-230.

4. Ladislau Cardoso, o enunciador como advogado

Ladislau Cardoso é apresentado já no primeiro capítulo. Descrito como um desfavorecido pela sorte, ele tenta vários meios para ganhar a vida, mas tendo a estrutura social pesando contra si, vê todas as suas tentativas fracassarem. Ele, que era *homem decente e trabalhador*, segundo as próprias palavras do narrador, agora cangaceiro, tinha por hábito fotografar suas vítimas no momento em que as assassinava.

Embora o narrador faça a apresentação da personagem central desde o primeiro capítulo, devemos observar que, por sua vez, o enunciador começa o seu trabalho antes da narração da história propriamente dito. Como, por exemplo, em uma de suas epígrafes, o livro estampa o seguinte texto:

*Quando Jesus veio ao mudo
Foi só pra fazê justiça:
Com treze ano de idade
Discutiu com a doutoriça,
Com trinto ano depois,
Sentou praça na puliça.
(Zé Limeira in Poeta do absurdo, de Orlado Tejo)*

Acreditamos que ao arrolar o poema acima, o enunciador evoca a figura central do Cristianismo em alusão a Ladislau. Percebam que nos dois primeiros versos o cordel afirma que: *Jesus quando veio ao mundo foi só para fazer justiça*. Fica evidente que a história a ser contada se refere a um sujeito que sofrerá as mazelas de um calvário e as injustiças que dele decorrem. Interessante, ainda, é pensar que Jesus é retratado como um sujeito questionador ao sistema, e o poema o caracteriza como alguém que veio ao mundo para fazer justiça: *Com treze ano de idade discutiu com a doutoriça, Com trinta ano depois, Sentou praça na puliça*. Além de outras passagens que comprovam a alusão mencionada, temos na narrativa propriamente dita, a descrição do cangaceiro: [...] *o rapaz de feições de serafim, cabelos louros,*

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

*olhos azuis da Virgem Maria dos almanaques e calendários*²⁴. Pelos indícios inventariados, inicialmente, é possível ao leitor mais atento imaginar o fim trágico dos indivíduos se insurgem contra a estrutura social. O poema afirma que Jesus, intertextualidade com bíblia, posicionou-se contra o *saber* e a *ordem* de seu tempo, o que lhe rendeu a crucificação. Desse modo, o destino de Ladislau Cardoso está posto ao público.

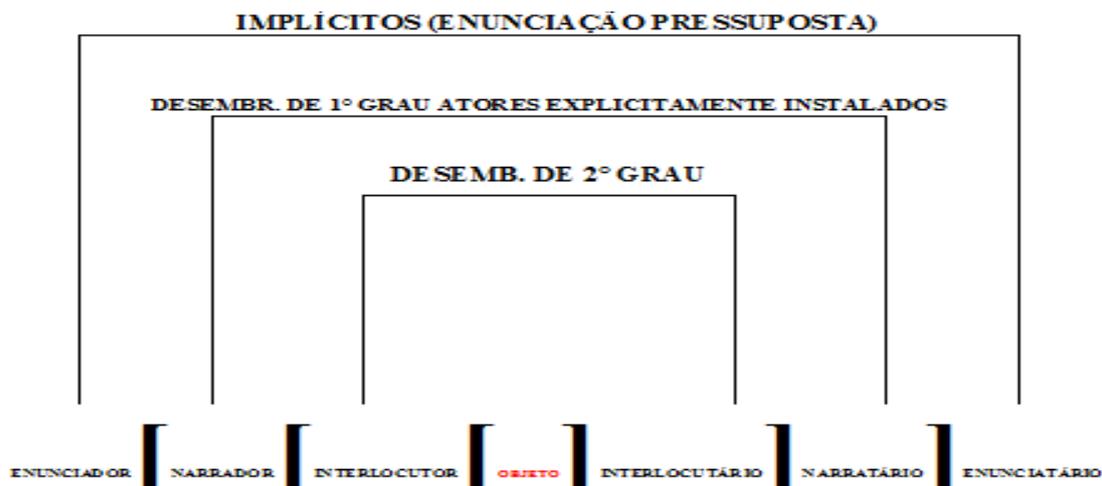
Como afirmamos, anteriormente, o romance é narrado em terceira pessoa. Logo temos de acordo com as definições da Narratologia, um narrador onisciente, que tem conhecimento completo de toda a narrativa e todos os aspectos de cada personagem e sua situação; é o narrador mais comum na literatura clássica. Esse tipo de narrador foi tido por muito tempo (e ainda é) como um narrador por excelência, pois a ele cabe tudo saber, comentar a avaliar, além de ele ser portador de uma suposta isenção em relação aos fatos narrados. Não é, nem de longe, nossa vontade, colocar em choque teorias. Sobretudo, não queremos em nada diminuir o valor que a Narratologia desempenha ainda hoje dentro da Teoria Literária. Contudo, preferimos tomar a Semiótica das Paixões como método, pois acreditamos que, no mínimo, esta nos proporcionará uma abordagem mais justa para o texto literário; visto que o tomaremos como uma construção discursiva formada na configuração de uma obra ou em um conjunto delas. Isso porque, pela abordagem do enunciador, por exemplo, podemos extrapolar os limites formais de um texto específico e observar se o enunciador é típico na produção de um autor.

O enunciador, nesse caso, atinge uma esfera muito mais abrangente e permite uma leitura mais ampla de um texto. Para exemplificar essa afirmação, vejamos o quadro proposto por Barros²⁵

²⁴ JAPIASSU, Moacir. *A Santa do Cabaré, um cordel Pós-Moderno de Amor e Morte*. II Ed. São Paulo: Francis, 2004.

²⁵ BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do Discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual, 1988.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS



Seguindo os pressupostos de Barros, preferimos adotar uma análise discursiva que, desse modo, nos proporciona os mesmos elementos da análise narrativa, mas como garante a autora, nos permite uma retomada dos elementos que foram deixados de lado. *As projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário, a cobertura dos conteúdos narrativos abstratos.*

²⁶Continua a autora:

A mediação entre estruturas narrativas e estruturas discursivas é tarefa da enunciação: os esquemas narrativos são assumidos pelo sujeito da enunciação, que os converte em discurso e nele deixa “marcas”. Dessa forma, o exame da sintaxe e da semântica do discurso permite reconstruir e recuperar a instância da enunciação, sempre pressuposta.²⁷

Guiados pelo raciocínio de Barros, acreditamos que o enunciador *d'A Santa do Cabaré* desde os elementos pré-textuais defende Ladislau Cardoso perante o leitor, ou como garante Barros, inicia o processo de persuasão/manipulação do enunciatário.

No primeiro parágrafo, do primeiro capítulo, o narrador relata que *O REPÓRTER DO JORNAL DO COMÉRCIO, [...] Quería saber do prefeito Sezinando Coelho por que um homem decente e trabalhador como Ladislau*

²⁶ Ibid., p. 72.

²⁷ Ibid., p. 72.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

*Cardoso tinha entrado para o cangaço.*²⁸ Notem que o enunciador questiona o poder público sobre quais seriam os motivos que levam um homem decente a transgredir as leis da sociedade. Outro fator importante, que deve ser observado, refere-se ao fato do enunciador revelar uma tensão social e as relações de poder que são descritas nesse trecho do romance. Percebam que cabe ao *O REPÓRTER DO JORNAL DO COMÉRCIO* saber do prefeito quais motivos levaram o indivíduo a criminalidade. Vejam que o sintagma *O REPÓRTER DO JORNAL DO COMÉRCIO* coloca em evidência uma assimetria de poder entre os elementos representados pelos substantivos da sentença. Ou seja, o repórter pertence ao jornal, que, por sua vez, pertence ao comércio. Esses elementos formam a base da sustentação política moderna. Temos, portanto, a imprensa e o comércio alinhados cobrando explicações do político, e não seria absurdo afirmar que eles o fazem como meio de imputar a ele a responsabilidade do fracasso social. A tensão representada no romance pode servir de parâmetro para esfera atual da política nacional do Brasil. As constantes relações e os jogos de interesse entre a política, o capital e mídia estão em efervescente debate, inclusive há uma corrente que defende uma revisão e uma regulação dos meios de comunicação. Nesse aspecto, vemos mais uma vez o enunciador posicionando-se perante o enunciatário. Sobre essa capacidade que a arte e a literatura possuem de manipular o meio social, escreveu Antonio Candido²⁹:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

²⁸ JAPIASSU, Moacir. *A Santa do Cabaré, um cordel Pós-Moderno de Amor e Morte*. II Ed. São Paulo: Francis, 2004.

²⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7º ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1972, p. 53.

Pela citação acima, é lícito afirmar que a arte tem em sua essência a vocação de manipular o seu destinatário. A literatura por sua vez, pela sua configuração textual, pela concretização do discurso, sobretudo na forma romanesca e fictícia, ao alternar as debreçagens e embreagens exerce sobre o leitor o seu caráter persuasivo. Portanto, no seio da enunciação o enunciatário é convidado a aceitar o jogo proposto pelo enunciador. Desse modo, compreendemos que o enunciador *d'A Santa do Cabaré*, trabalha como um advogado de Ladislau Cardoso, mas antes disso no plano da enunciação ele faz uma crítica profunda à estrutura social que exclui os cidadãos e os molda como inimigos do sistema.

Quando criança, Ladislau, *o menino Lalau*, tímida criança, era coroinha da igreja do padre Olavo, com quem aprendeu rudimentos de latim, fez curso de datilografia e sonhava em um dia ser doutor. Portanto, podemos depreender que Ladislau preparou-se de acordo com as possibilidades, para ser aceito pelo sistema. Ou seja, esse indivíduo, deseja participar do grupo privilegiado socialmente.

Para explicar a história desse filho do sertão seria melhor dizer que ele sofreu uma rasteira da sorte, um rabo de aranha do destino. Rapaz sensível, filho único de uma viúva pobre, Ladislau Cardoso bateu cabeça durante anos, na esperança de um emprego decente. (...) Ladislau foi açougueiro, encanador e pedreiro, abriu fossas nas casas novas de Belo Jardim, Garanhuns, Rio Branco, num suado desassossego jamais aplacado, pois falecia-lhe a aptidão para ganhar dinheiro, para subir na vida, apesar das suas e das orações maternas. Um dia, encantado com o trabalho de mestre Afonso, único fotógrafo daquela região sem memória, aprendeu a arte da revelação e em pouco tempo era ajudante, porém daí não passou. Nessa época o médico e protetor Sizenando Coelho, esse agora prefeito nomeado pelo Interventor Agamenon Magalhães, deu-lhe de presente uma Kodak, máquina fotográfica tipo caixote; mais tarde, habilitado, Ladislau agarrou-se ao único emprego disponível em Belo Jardim, no limiar de 1939: fotógrafo oficial do necrotério público³⁰.

³⁰ JAPIASSU, Moacir. *A Santa do Cabaré, um cordel Pós-Moderno de Amor e Morte*. II Ed. São Paulo: Francis, 2004, p. 12.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

Ladislau levava uma vida difícil, como é próprio do homem sertanejo, brasileiro e pobre. Acrescentem-se a isso os entremeios das décadas de 30 e 40. Levava, contudo, uma vida *ordinária*, submetendo-se aos ditames da lei; vivia as angústias do trabalhador brasileiro que tem poucas oportunidades na vida. Como protegido do prefeito da cidade, é nomeado fotografo do necrotério. No seu trabalho, o último, cabia-lhe a função de registrar a chegada dos cadáveres, *gente morta de fome, de tiro, de faca peixeira; homens, mulheres, crianças, ‘anjinhos’, que são aqueles aos quais não se deu a oportunidade de experimentar as ruindades do mundo*³¹. Homem sensível que era, sentia o estômago revirar a cada ocasião, e entregou-se à bebida e, muitas vezes, anunciou a *demissão em caráter irrevogável*. O prefeito o acalmava: *Tem paciência, cabra, quando eu for pro Recife, ou Rio, se sair a nomeação que o Presidente Getúlio prometeu, eu te levo, mudo tua vida [...]*³²

Observem, pelas passagens descritas, que o enunciador isenta Ladislau pelas suas ações que seguirão na trama. O personagem é descrito como algum que levou *uma rasteira da sorte, um rabo de aranha do destino*. Vejam que o enunciador mostra que por mais que lutasse contra o seu destino, a personagem era guiada para uma situação disfórica. O sonho (*o desejo*) do menino Lalau era tornar-se e doutor, logo igualar-se socialmente ao prefeito e outros personagens da história, mas a realidade lhe oferecia oportunidade como fotografo de necrotério. Convenhamos que entre o objeto-valor (*desejo*) e a realidade de Ladislau há uma substancial distância.

Apontemos que os fatos narrados convergem para que Ladislau perdesse a sua razão. Embora, a personagem estivesse insatisfeitíssimo com a situação ele ainda se mantinha nos limites da ordem imposta pelas regras sociais. Desse modo, é válido dizer que, na figura do prefeito Sizenando Coelho e suas promessas, o Estado estabelece um contrato fiduciário com

³¹ Ibid., p.12

³² Ibid. p. 12.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Ladislau Cardoso. Ou seja, o Estado propõe que o cidadão aceite suas promessas de progresso, (sem de fato garantir que possa cumpri-las) e em troca pede a ordem (sob a condição de sanção pela desobediência desta). Contudo, a passagem a seguir foi forte demais e o motivou Ladislau à vida de cangaceiro, na realidade a personagem assume, a partir de então, uma personalidade sociopata. Há, nesse momento, a ruptura do contrato social.

Numa tarde de abril, chegou ao necrotério um soldado de policia conduzindo pesado carrinho de mão. Instalado ali, deitado, braços pendentes, jazia alguém. Não trazia um fiapo de roupa sobre o corpo azulado; piranhas lhe haviam roído as plantas dos pés e a criatura mantinha os olhos horrivelmente abertos. Tinha a descomunal barriga dos afogados. Apesar da quizila, Ladislau tentou cumprir sua missão e assestou a máquina na direção daquela fealdade. Então o legista, sem ao menos avisar, aproximou-se e riscou a barriga do afogado com o bisturi, num golpe de alto a baixo. Ladislau pulou para trás, mas não houve tempo de escapar: um rio esverdeado transbordou pelo corte e inundou-lhe as pernas até os joelhos. O salão foi tomado por prodigiosa fetidez de mil exumações. O fotógrafo deixou aquele inferno em desabalada e fedentina carreira, embrenhou-se na caatinga e na história do sertão, numa aventura de cangaço, paixões e morte.³³

A partir desse evento, temos uma reviravolta na vida do *infortunado* Ladislau Cardoso, que se afasta; surge, daí em diante, motivado pelo trauma sofrido, o *sanguinário* cangaceiro que aterrorizará o sertão, fazendo, a seu modo, justiça às injustiças que ele sofrera.

Como dissemos anteriormente, a personagem tem sua história guiada pelo desejo, pelo *querer ser*, que lhe suscita outras paixões, tais como: anseio, ambição, cobiça, cupidez, avidez e curiosidade. Essas são as chamadas paixões simples, e decorrem da modalização do querer ser. De acordo com Barros (1990), é a partir da existência modal, em que o sujeito se define pela modalização do seu ser e em decorrência disso, assume papéis patêmicos.

³³ Ibid., p.14

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

Neste sentido, o enunciador do romance demonstra a fragmentação do sujeito *pós-moderno* e os consequentes abalos que o indivíduo enfrenta por essa constituição da sua personalidade. Tanto em Ladislau (moço pobre de pouca sorte na vida, mas de sensibilidade e religiosidade aguçadas - na infância foi coroinha da igreja) quanto em Vanda (moça de classe média, de grau de instrução que sua classe social pode lhe proporcionar), vemos uma espécie de loucura que os leva aos fins *trágicos* na trama.

Trata-se de uma representação da descrição que Rybalka³⁴ faz do pós-moderno, como a de um *Janus de duas cabeças, tendo duas faces e uma personalidade múltipla, sem ensaio de sínteses ou de unidade*. As personagens deparam-se enredadas em um limiar de religiosidade, de sexualidade, de repressão mental, de física e moral, do qual são incapazes de sair.

Esse desatino das personagens, que, em princípio, é uma criação do texto, faz que a leitura traga elementos para a comunicação entre leitor e texto. O leitor, diante do texto de Japiassu, nesses tempos modernos, vê-se representado, pois são essas cobranças e frustrações que a sociedade submete ao indivíduo, o que o faz perder o senso de identidade.

Além de Ladislau e Vanda, temos quase todas as personagens do romance enredadas nessa teia de *esquizofrenia*: o caso do prefeito Sizenando (casado) que, ao perder a mulher que é a sua paixão, uma prostituta quarenta anos mais jovem do que ele, perde de tal forma a razão que causa uma catástrofe com um trem, matando dezenas de pessoas e morrendo em seguida, vítima da própria loucura; o caso do caixeiro viajante, que, após a explosão do trem, sai correndo completamente nu dizendo que se chamava Ivete, *a mulher de Tambaú*.

³⁴ RYBALKKA, Michel: Washinton University, St. Louis. *A Literatura e o Pós-moderno*. Texto de uma conferência feita em 12 de fevereiro de 1991 na Universidade de Michigan, Ann Arbor, em homenagem ao falecido Jean Carduner.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Rouanet³⁵ se arrisca a fazer uma psicopatologização ao considerar *primeiro* o moderno essencialmente como contraditório. É na modernidade que Freud e depois mais radicalmente W. Reich estabelecem a conexão da repressão sexual e as enfermidades mentais. A modernidade era marcada pela excessiva confiança na razão, nas grandes narrativas utópicas de transformação social e no desejo de aplicação mecânica de teorias abstratas à realidade.

A Santa do Cabaré é uma representação em forma de prosa poética, de tristezas e de alegrias, de sentimento e de loucuras vividas pelas personagens criadas por Japiassu, as quais nada mais são do que a descrição que Vattimo³⁶, apud Lima, faz a respeito do mundo e da quebra de esperança do homem nas promessas da modernidade:

a chamada "pós-modernidade" aparece como uma espécie de Renascimento dos **ideais** banidos e cassados por nossa modernidade racionalizadora. Esta modernidade teria terminado a partir do momento em que não podemos mais falar da história como algo de unitário e quando morre o mito do Progresso. É a emergência desses ideais que seria responsável por toda uma onda de comportamentos e de atitudes **irracionais** e **desencantados** em relação à política e pelo crescimento do **ceticismo** face aos valores fundamentais da modernidade. Estaríamos dando **Adeus** à modernidade, à Razão (Feyerabend) Quem acredita ainda que "todo real é racional e que todo real é racional"(Hegel)? Que esperança podemos depositar no projeto da Razão emancipada, quando sabemos que se **financeiro** submetido ao jogo cego do **mercado**? Como pode o homem ser feliz no interior da **lógica do sistema**, onde só tem valor o que **funciona** segundo previsões, onde seus desejos, suas paixões, necessidades e aspirações passam a ser racionalmente **administrados** e manipulados pela lógica da eficácia econômica que o reduz ao papel de simples **consumidor**³⁷.

O professor e psicanalista Raymundo Lima partindo das assertivas de Vattimo e dialogando com outros teóricos, aponta que *A doença da era*

³⁵ ROUANET, S.P. As razões do iluminismo. São Paulo: C. Letras, 1987, pp. 229-77.

³⁶ LIMA, Raymundo. *Para entender o pós-modernismo: notas de pesquisa*. Revista Espaço Acadêmico, 2004. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/035/35eraylima.htm> Consultado em: 08/06/2008.

³⁷ Ibid., s/p.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

*moderna era a histeria, onde ocorria a teatralização do sujeito incapaz de suportar tanta repressão, originada no conflito endopsíquico. Ainda, segundo o autor, Freud funda a psicanálise graças às histéricas que lhe insinuam um gozo impossível*³⁸. E acrescenta que

O mal-estar da cultura pós-moderna é mais complexo, os sintomas subjetivos se pulverizaram no disfarce coletivo, parecendo que “estamos todos bem”, tal como auto-enganava o personagem de Marcelo Mastroianni, no filme italiano de mesmo nome. O mal-estar pós-moderno é visível e trivial, expressado na linguagem do cotidiano do trabalho compulsivo, muitas vezes vendido como se fosse “lazer” ou “ócio criativo”, que gera stress, a perversão, a depressão, a obesidade, o tédio³⁹.

As afirmações de Lima são tributárias ao pensamento de Baudrillard que acredita que o maior desafio do sujeito, em tempos pós-modernos, não é uma dialética, nem uma oposição respectiva que se coloque em um polo oposto a outro, de um termo a outro, numa estrutura plena. Esse desafio é *um processo de extermínio da posição estrutural de cada termo, da posição de sujeito de cada um dos antagonistas e em particular daquele que lança o desafio: por isso mesmo ele abandona qualquer posição contratual que possa dar lugar a uma “ligação*⁴⁰. Nessa lógica não se trata mais a de uma simples troca de valor. Mas, sim do abandono de posições de valor e de sentido. Nesse caso, *o protagonista do desafio sempre está em posição suicida, mas um suicídio triunfal: é pela destruição do valor, pela destruição do sentido (a sua, o seu) que ele força o outro a uma resposta nunca equivalente, sempre superada.*⁴¹

³⁸ Ibid., s.p.

³⁹ Ibid., s/p.

⁴⁰ BAUDRILLARD, A, *Sociedade de Consumo*. Lisboa. Edições. 1985, p. 35.

⁴¹ Ibid., p. 35.

Considerações finais

Em outro momento do nosso projeto, pretendemos dispensar atenção especial às paixões que movem Ladislau Cardoso às suas ações, bem como pretendemos estender esse olhar para as outras personagens do romance, entretanto nos limites desse artigo, privilegiamos o papel do enunciador na configuração do protagonista perante o enunciatário.

Por meio de um processo de alusão da figura de Ladislau Cardoso a figuras sagradas ao Cristianismo, o enunciador faz uma aproximação do criminoso Ladislau ao público leitor, ou seja, ao enunciatário. Dessa forma o enunciador cria o efeito de que a personagem é um injustiçado pelo sistema social do qual é excluído, e que em decorrência dessa exclusão questiona as assimetrias propostas por uma sociedade desigual.

Além da relação de semelhança física de Ladislau ao filho da Virgem Maria, o efeito de defesa da personagem é proporcionado pela descrição que é feita das personagens opositoras do protagonista. O prefeito Sizenando, por exemplo, é descrito como um velho decrépito que se apaixona por uma prostitua e por essa paixão entrega-se à loucura. O padre Olavo Trigueiro é descrito como um homem frio e calculista, que inclusive é autor intelectual da emboscada que culmina na morte de Ladislau.

Por esse jogo que o enunciador estabelece, ele acaba por fazer o enunciatário senão tomar partido de Ladislau Cardoso, mas ser benevolente ao julgá-lo. O leitor, como diria Eco⁴², aceita *um acordo ficcional, onde há uma suspensão da descrença, ou seja, o autor finge dizer a verdade e nós, leitores, fingimos que o que é narrado de fato aconteceu, pois, na verdade, dentro do universo textual, aquele mundo realmente existe.*

Segundo Eco⁴³, a fim de prever o desenvolvimento de uma história, os leitores se voltam para sua própria experiência de vida ou seu conhecimento de outras histórias. Esse processo de fazer previsões *constitui um aspecto emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos, bem*

⁴² ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 58.

⁴³ *Ibid.*, p. 59.

Das paixões à loucura, o percurso trágico de Ladislau Cardoso no romance *A Santa do Cabaré* de Moacir Japiassu

| Sidinei Eduardo Batista

| Cláudio Marcos Veloso Júnior

| Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello

como a tensão resultante de nossa identificação com o destino das personagens.

Nesse sentido, durante o processo de leitura da narrativa em questão, está em nosso horizonte tudo o que sabemos a respeito dos contornos da pós-modernidade e da **loucura** que parece ser uma marca desse período. Além disso, o fato de haver uma grande intertextualidade com o mundo *real*, com obras cinematográficas e musicais, e o conhecimento dos contornos e dos limites entre modernidade e pós-modernidade, têm grande importância para a constituição do sentido e para a realização do efeito que o objeto estético poderá causar em seu público.

Recebido em 09.12.2015

Aprovado em 12.01.2016